

“Try seeing indians”: Auto, Hetero e Meta-imagens em *A Passage to India*

Inês Monteiro

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Citation: Inês Monteiro. ““Try seeing indians’: Auto, Hetero e Meta-imagens em *A Passage to India*.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 10, n.º 1, 2021, pp. 25-39. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.¹

Abstract

E. M. Forster's novel *A Passage to India*, first published in 1924, portrays the various dynamics in relationships between British Raj members in India and members of the Indian society under colonial rule. The differences between the two communities, coloniser and colonised, are underlined from the outset, with the deconstruction of preconceived images constant throughout the work. In this way, using the concepts in Imagology of auto, hetero and meta-images, with a particular focus on the definitions offered by Joep Leerssen of these same concepts, this article reinforces the density of Forster's social commentary. It also aims to give a new perspective regarding the novel's classification as a vindication of the much-discussed British colonial structure of the early 20th century.

Keywords: Imagology; Colonialism; Post-colonialism; British Raj; National representations

Resumo

O romance *A Passage to India* de E. M. Forster, publicado pela primeira vez em 1924, retrata as várias dinâmicas nas relações entre os membros do Raj Britânico na Índia e os membros da sociedade indiana sob governação colonial. Do início, são sublinhadas as diferenças entre os dois povos, colonizador e colonizado, sendo a desconstrução das imagens pré-concebidas constante durante a obra. Assim, empregando os conceitos da área da Imagologia de auto, hetero e meta-imagens, com particular enfoque nas definições oferecidas por Joep Leerssen destes mesmos conceitos, pretende-se reforçar a densidade do comentário social de Forster e dar uma nova perspetiva quanto à discutida classificação da obra enquanto texto apologista da estrutura colonial britânica do início do século XX.

Palavras-chave: Imagologia; Colonialismo; Pós-colonialismo; Raj Britânico; Representações nacionais

A Passage to India de Edward Morgan Forster foi publicado pela primeira vez em 1924. A obra é um estudo sociopsicológico dos dilemas Anglo-Indianos durante o período do Raj britânico (Abu Baker 68). A ação desenrola-se à volta da possibilidade de existir uma amizade entre indianos e ingleses no contexto do império colonial, e é demonstrada sobretudo na relação entre Dr. Aziz, um indiano que, por princípio, despreza os ingleses, e Cyril Fielding, o diretor inglês da escola local colonial para indianos. A visita de Mrs. Moore e Adela Quested a um dos mais importantes membros da estrutura britânica em Chandrapore, Ronny Heaslop, desestabiliza as certezas de Aziz e a dinâmica entre colonizador e colonizado ganha uma complexidade que o protagonista não previra nos estereótipos que desenvolvera acerca dos ingleses.

Peter Childs classifica este romance de Forster como um dos mais controversos da sua autoria, apesar de muitos críticos estarem de acordo que é o seu melhor trabalho (188). A posição quanto ao humanismo liberal que o autor explora tem vindo a mudar ao longo do tempo, sobretudo devido à influência dos Estudos Culturais nos Estudos Literários e ao surgimento de perspetivas pós-colonialistas que vêm com desconfiança a imagem da Índia apresentada por Forster. De entre os vários nomes que trouxeram uma nova perspetiva para a análise da obra, é de realçar o de Edward Said, que, tanto em *Culture and Imperialism* (1993), como em *Orientalism* (2003), demonstra a falibilidade da dialética entre o Oriente e o Ocidente enquanto pólos distintos, uma vez que, segundo o autor, o Oriente não é um facto inerte da natureza, não está apenas lá, assim como o próprio Ocidente também não está apenas lá (*Orientalism* 4-5). Os conceitos, enquanto ferramentas ontológicas para encapsular a essência do oriental e do ocidental, são formas discursivas construídas pelo ser humano que afastam a realidade complexa da heterogeneidade patente em cada um dos grupos.

Não obstante, é nesta polarização que se criam os estereótipos que Forster explora na sua obra; é ainda na indefinição da narrativa enquanto produto do colonialismo que se desdobra a enorme amplitude de interpretações da mesma. E.M. Forster tenta desconstruir a imagem do indiano como *o outro*, mostrando as várias facetas pelas quais é composta. *A Passage to India* é um exemplar de que os estereótipos são extremamente fortes e que a sua perpetuação é uma força difícil de demover. Neste sentido, e porque a obra em estudo se foca na possibilidade de relações entre pessoas de diferentes culturas limitadas a um mesmo espaço, substituídas pelas suas caricaturas nacionais, a Imagologia - “working as it does primarily on literary representations” (Leerssen, *Imagology: History and method* n. p.)

- fornece as ferramentas adequadas para um entendimento mais profícuo da construção discursiva destes estereótipos.

Com efeito, o objetivo deste artigo não é fazer uma análise histórica ou sociológica do colonialismo britânico na Índia dos séculos XIX e XX, mas sim abordar os preconceitos que são criados de parte a parte e que influenciam as relações transculturais. Para tal, começarei por abordar brevemente a utilidade da Imagologia e da exploração dos conceitos de auto, hetero e meta-imagens na compreensão das dinâmicas literárias da obra em causa, para, de seguida, explorar algumas das cenas em que estes conceitos melhor se traduzem narrativamente, justificando a resposta final de Forster à sua questão inicial: sob o espectro do imperialismo, uma amizade anglo-indiana é impossível.

A importância da Imagologia

Joep Leerssen, imagologista holandês, esclarece que uma imagem é a reputação ou uma representação mental ou discursiva de uma pessoa, grupo, etnia ou “nação”. Estas mesmas imagens variam consoante a perspetiva a partir da qual são analisadas. Temos por isso auto-imagens (que Leerssen define como uma reputação caracterológica atual compartilhada por um grupo) e hetero-imagens (a opinião que outros têm sobre o suposto carácter de um grupo). Estas conceções não são estanques no tempo, estão sujeitas a mudanças, e influenciam-se uma à outra de forma a criar uma terceira categoria, as meta-imagens, que existem inteiramente por meio da imputação aos Outros da maneira como pensamos que eles nos vêem (Leerssen, *Imagology: On using ethnicity to make sense of the world* 24).

Ainda segundo o mesmo autor, na construção destas imagens, as semelhanças entre as nações são geralmente abafadas pela ênfase dada à diferença. Deste modo, as características apresentadas que surgem como sendo significativamente representativas de uma nação como um tipo, são selecionadas e destacadas porque distinguem aquela nação das outras. Para Leerssen, o que intensifica os antagonismos não é a forma como vemos o Outro ou como nos vemos, tampouco consiste em como os Outros se vêem - o antagonismo surge quando imaginamos o que o Outro pensa de nós e quando os Outros especulam sobre o que pensamos deles:

In times of conflict, these imputations are characterized by a disconcerting lack of generosity: we believe the others guilty of ill-will, a refusal to be reasonable, a deep animus, without realizing that it is us ourselves who display such ill-will and animus by imputing it to the Other. We suspect the other of being suspicious, without being

aware that to do so is an act of suspicion on our part. (Leerssen, *Imagology: On using ethnicity to make sense of the world* 24)

As perspectivas oferecidas pela Imagologia, aqui nas palavras de Joep Leerssen, são bastante interessantes quando aplicadas à tensão étnica presente em *A Passage to India* (que, sublinhe-se, o próprio Leerssen usa como exemplo na sua explicação das meta-imagens). Tal acontece porque, efetivamente, Forster faz uso destes dispositivos literários para explorar os temas mais importantes da sua obra. De igual forma, estes tornam-se ainda mais relevantes quando cotejados com um pano de fundo imperialista, em que tanto sujeito colonizado como sujeito colonizador procuram, também de uma forma discursiva, legitimar a sua posição quanto ao conflito que os opõe. Por conseguinte, as secções que se seguem serão compostas por uma análise destas imagens enquanto fator explicativo das dinâmicas entre as personagens principais de *A Passage to India*, recorrendo a cenas do livro em que as concepções mútuas são postas à prova, e com o intuito de sustentar a ideia de que o império, mais que a raça ou a etnia, é a causa primária da impossibilidade de estabelecer relações pessoais transculturais.

As imagens na obra

Em *A Passage to India*, duas mulheres inglesas, a jovem Adela Quested e Mrs. Moore, visitam a cidade de Chandrapore, onde trabalha Ronny Heaslop, magistrado britânico, com quem Adela se deverá casar. É nessa mesma cidade que vive Aziz, um jovem médico muçulmano, cada vez mais frustrado com o tratamento que recebe por parte dos ingleses, em particular de Major Callendar, o cirurgião civil seu superior. A distinção entre anglo-índios e locais é desde logo explorada por Forster na descrição da cidade onde tudo se desenrolará: “Edged rather than washed by the river Ganges, it trails for a couple of miles along the bank, scarcely distinguishable from the rubbish it deposits so freely” (5). Chandrapore é assim descrita como um local sujo, outrora rico, mas num claro estado de decadência.

Em contrapartida, no interior da cidade, encontram-se os prédios simples e práticos dos colonos britânicos: “inland, the prospect alters. There is an oval maidan, and a long sallow hospital. Houses belonging to Eurasians stand on the high ground by the railway station” (Forster 5). A partir desses edifícios, Chandrapore é atraente e um local digno para os membros da estrutura imperial, uma vez que as partes menos sedutoras se escondem por trás da vegetação tropical; dentro da antítese que é o

próprio cenário da obra, o céu é a única coisa que têm em comum as diferentes partes de Chandrapore (Forster 6).

Asseguradas as primeiras diferenças, Forster transporta-nos diretamente para a questão central da obra. O segundo capítulo abre com uma conversa entre Aziz e o seu amigo e advogado Hamidullah, acerca dos ingleses e da impossibilidade de travar uma amizade com estes, concordando que uma sociedade que tenha na sua base uma estrutura britânica é uma sociedade baseada na discriminação. Hamidullah refere Ronny Heaslop, como o rapaz do nariz vermelho (Forster 9) que o insultou mais uma vez em tribunal. Não obstante, ao contrário de Aziz, o proeminente indiano tem uma visão mais complacente de Ronny, culpando a estrutura de que faz parte e não o sujeito individual: «I do not blame him. He was told that he ought to insult me. Until lately he was quite a nice boy, but the others have got hold of him» (Forster 9). Num verdadeiro discurso conduzido no eixo “Eu vs. Outro”, os dois indianos não têm qualquer esperança de que no futuro a situação se modifique.

A segregação torna-se ainda mais clara no Clube de Chandrapore, um lugar reservado aos britânicos onde nenhum indiano deve entrar. Não obstante, uma das cenas mais interessantes para a análise das auto e hetero-imagens em jogo prende-se com a única vez em que se abre a exceção a essa regra. Mr. Turton, o governador britânico da cidade, decide dar uma festa (“a Bridge Party”) para que Adela e Mrs. Moore, que anseiam ver a Índia além da realidade turística, tenham a oportunidade de conhecer alguns dos nativos locais mais importantes e ricos. Não obstante, e como se poderia antecipar, a festa não se revela um sucesso (Forster 35). A separação física ilustra a separação cultural, dado que inicialmente um campo de ténis ocupa o espaço entre as duas comunidades; de certa forma, é como se esta festa estivesse condenada desde o início. Elaborada com o objetivo de unir culturas (ou pelo menos de aparentar que há essa intenção), o único resultado é o crescente fosso que se abre entre os dois lados, visivelmente antagónicos.

Com efeito, a definição dos britânicos é construída à volta da ideia de superioridade. Mrs. Turton, o epítome de orgulho e de autoridade, vendo a festa organizada pelo seu marido falhar leva relutantemente Adela e Mrs. Moore a conversar com um grupo de senhoras indianas. No curto caminho que percorrem até “ao Outro”, Mrs. Turton avisa Adela que:

‘You’re superior to them, anyway. Don’t forget that. You’re superior to everyone in India except one or two of the ranis, and they’re in equality.’ Advancing, she shook hands with the group and said a few words of welcome in Urdu, she had learned the

lingo, but only to speak to her servants, so she knew none of the politer forms, and of the verbs only in the imperative mood. (Forster 38)

Mrs. Turton, esposa do homem que representa o poder máximo da estrutura imperialista no local, apenas sabe as frases mais óbvias e pragmáticas do dialeto regional, as palavras relacionadas com ordens. Começamos então a compreender qual a hetero-imagem dos indianos na mente dos britânicos: pessoas inferiores, sem oportunidade de se cultivarem intelectualmente. Ora, a circunstância é particularmente gravosa se atendermos à indicação que o narrador nos dá quanto à proeminência e riqueza dos convidados; ou seja, para a estrutura britânica, que parece agir toda de igual modo,² mesmo os indianos mais ricos e importantes são tidos como objetos de subordinação da supremacia política e cultural dos ingleses. Apesar de, ao Urdu grosseiro de Mrs. Turton, uma das mulheres convidadas responder num inglês perfeito, a necessidade de rebaixar os locais nunca é abandonada; o que inicialmente é tido quase como um insulto torna-se uma oportunidade para minorizar a situação: “‘They pass Paris on the way, no doubt,’ said Mrs Turton, as if she was describing the movements of migratory birds. Her manner had grown more distant since she had discovered that some of the group was westernized, and might apply her own standards to her” (Forster 38).

Adela é desde cedo colocada de parte pelas suas compatriotas, pois recusa a mentalidade de rebanho imposta no Clube, a que Hamidullah se referira inicialmente, ao falar de Ronny. Enquanto os restantes britânicos tentam recriar Inglaterra em Chandrapore, recolhendo-se no Clube, planeando refeições tipicamente europeias e vendo representações de peças que em Inglaterra seriam já consideradas ultrapassadas, Adela é descrita como alguém que “always said exactly what was in her mind”; observando que saíra de Inglaterra para se encontrar numa outra versão da sua terra-natal, anuncia prontamente que se sente “desirous of seeing the real India” (Forster 23). É Cyril Fielding, ostracizado pelos restantes homens ingleses por manter boas relações com os nativos, quem responde a Adela: “Try seeing indians” (Forster 23). A visão romantizada de Adela acaba por se mostrar como uma outra forma de distinção relativamente às restantes senhoras inglesas. Dessarte, Mrs. Moore e Cyril Fielding são as únicas personagens que se aproximam realmente de fugir às amarras do *status quo*, dado que Fielding mostra entusiasmo e vontade de participar da cultura indiana e Mrs. Moore é capaz de estabelecer uma interacção genuína com Aziz, que conhece na mesquita local.

O encontro entre ambos é fortuito. Mrs. Moore decidira dar um passeio numa noite e Aziz ia a caminho da casa de Major Callendar, decidindo parar na mesquita.

Quando a vê, como muçulmano de grande fé, exalta-se, pois crê que ela está a invadir um lugar sagrado. Apesar da reação do médico, Mrs. Moore apressa-se em explicar-lhe que tirou os sapatos ao entrar e que percebeu que Deus está presente na mesquita. Ao contrário do que Aziz teria suposto, a mulher que encontra não é a típico anglo-indiana em Chandrapore; ela respeita o Islão, mesmo sendo uma religião diferente da sua. Mormente, descobrem que ambos têm três filhos, o que fomenta a afeição e a empatia de parte a parte. A forma como Mrs. Moore respeita o que não entende, o que não pertence à sua cultura, faz com Aziz lhe diga: “then you are an Oriental” (Forster 20). A auto-imagem de Aziz e da sua cultura, composta por oposição ao Ocidente, à estrutura imperial britânica, é a de uma vida baseada no amor por todos os seres, na benevolência, pela afinidade espiritual - na tolerância. De facto, a harmonia entre ambos é tal que o médico fica verdadeiramente surpreendido quando sabe que Mrs. Moore é mãe de Ronny Heaslop, o britânico de quem ele e Hamidullah se queixavam no início do livro. O contraste entre mãe e filho é o que leva a que Ronny seja colocado numa posição de alteridade, enquanto Mrs. Moore, exatamente por não encaixar no padrão estabelecido na hetero-imagem que os indianos têm dos britânicos, é uma “oriental”. Ronny, fazendo parte da administração, pertence ao grupo que se crê superior. Aliás, o mesmo o afirma, enquanto porta-voz do fardo do homem branco:

I am out here to work, mind, to hold this wretched country by force. I'm not a missionary or a Labour Member or a vague sentimental sympathetic literary man. I'm just a servant of the Government We're not pleasant in India, and we don't intend to be pleasant. We've something more important to do. (Forster 45)

Como indica Lidan Lin: “seen as a ‘baby’ country, India thus needs a mature adult to take care of her, to make decisions for her, and above all, to claim sovereignty over her” (137). Dentro do mecanismo britânico, as personagens são forçadas a agir como representantes de uma instituição e não como indivíduos (Lehmann 86). Ronny sacrifica qualquer prazer ou ambição pessoal em prol de um “bem maior”. Se, por um lado, a sua mãe apela à crença em Deus e ao entendimento de todos os seres humanos como iguais perante o criador, para o filho a única religião é o Império: “Ronny approved of religion as long as it endorsed the National Anthem, but he objected when it attempted to influence his life” (Forster 47). O mesmo se verifica com todos os representantes ingleses no local, cuja missão implica serem formatados segundo os atributos do “bom inglês”: “the powerful discourse of the colony guarantees the generation of people who are ‘exactly the same’ in terms of their ideologies and practices” (Abu Baker 73).

No entanto, e apesar das várias tentativas de Ronny, nem a sua mãe nem a sua futura esposa largam o desejo de conhecer melhor o país onde se encontram. Aproveitando a deixa de Aziz quanto às Cavernas do Marabar, Adela consegue convencer Aziz a planejar uma viagem que crê ser a sua oportunidade de encetar uma nova aventura. A amizade de Fielding e de Aziz é reforçada quando o próprio Fielding salienta a forma juvenil como Adela vê a Índia e como espera uma apresentação de matizes performativas. Adela procura uma “Índia”, sem se aperceber que cada cultura, cada país resulta da convergência de uma multiplicidade de fatores que nenhum indiano consegue reunir plenamente em si, pelo que o seu desejo não é alcançável: “Adela’s desire to see the ‘real’ India is never fulfilled” (Abu Baker 71). Neste sentido, como repara Timothy Christensen, até o próprio Aziz é apenas parte de uma cadeia de objetos que parecem servir o propósito de desvendar alguma verdade aparente sobre a Índia. Inevitavelmente, o resultado não é outro senão a total decepção - a sua ânsia pela autenticidade segue um caminho metonímico, pois a Índia “real” continua a escapar-lhe durante toda a narrativa (169).

Todavia, Aziz prepara a viagem, convidando, para além de Adela e Mrs. Moore, também Fielding e o Professor Godbole, um hindu que trabalha na escola que Fielding dirige e que estivera presente na festa de chá que o mesmo organizara e em que as cinco personagens estão juntas pela primeira vez. É esta a cena do livro em que melhor se testemunha a força das expectativas no comportamento individual. Duvidando que a verdadeira Índia, a sua, seja o que Adela e Mrs. Moore querem ver, Aziz planeia um dia turisticamente perfeito. A imagem do seu país é modelada para melhor encaixar naquilo que Aziz acredita ser esperado por parte das duas senhoras inglesas. Dado que o comboio que faz a ligação entre a cidade e o acesso às Cavernas partiria cedo, Aziz, Mohammed Latif e os seus criados passam a noite na estação para evitar atrasos. Na manhã seguinte, já com Adela e Mrs. Moore presentes, Aziz sente ter tudo controlado. Embora Fielding ainda não tenha chegado com Godbole, Aziz não está nervoso porque sabe que os ingleses nunca se atrasam (Forster 121). Não obstante, depois de algum tempo, o comboio começa a andar. É nesse exato momento que Fielding e Godbole chegam à estação. Fielding grita que Godbole estivera a rezar e que por isso se haviam atrasado. Embora Fielding tente saltar para o comboio em andamento, este segue sem o inglês.

Quando a viagem de ida termina, Adela e Mrs. Moore ficam ligeiramente desapontadas ao ver que Aziz alugou um elefante - símbolo das expedições inautênticas que os Turtons e outros colonos ingleses normalmente organizavam - para os transportar. Simultaneamente, Aziz assume que as mulheres estão encantadas com

o elefante, pois é essa a meta-imagem estabelecida da Índia e dos indianos. A tentativa de corresponder ao que pensa ser a “verdadeira Índia” que as inglesas esperam conhecer afigura-se como uma incongruência ainda maior quando o leitor se apercebe que Aziz nunca foi às Cavernas de Marabar, mas age como um guia experimentado, porque a única pessoa com conhecimento sobre as cavernas, o professor Godbole, não chegou a tempo. Numa camada ainda maior de ironia, o motivo do atraso de Godbole é um dos exemplos da pluralidade de Índias que existem. As orações a que se dedica nessa manhã são um dever hindu que a sua fé manda cumprir. Ora, num país composto por várias religiões, a unidade é posta em causa pelas próprias contendas internas. Aziz, enquanto muçulmano, proclama repetidas vezes o seu despreço por hindus. Quando fala com Adela sobre um casal de hindus que deveria ter enviado uma carruagem que a transportaria a ela e a Mrs. Moore para a casa de Cyril Fielding, Aziz comenta:

Slack Hindus - they have no idea of society; I know them very well because of a doctor at the hospital. Such a slack unpunctual fellow! It is as well you did not go to their house, for it would give a wrong idea of India. Nothing sanitary. I think for my own part they grew ashamed of their house and that is why they did not send.
(Forster 63)

De uma forma mais contida, a diferença também é plasmada quanto a Godbole na preparação da viagem às Cavernas de Marabar, especialmente no que toca à dieta do professor, cuja refeição é motivo de sobrançeria, pois é dito que só come arroz “if cooked by a Brahman” (Forster 119). Após a visita às Cavernas, em que Mrs. Moore se sente mal e em que Adela alega ter havido uma tentativa de violação por parte de Aziz, a história centra-se no julgamento - em que Aziz é ilibado, pois Adela admite ter mentido - e na deterioração das duas amizades transculturais que tinham sido bem sucedidas. Mrs. Moore morre na sua viagem de volta a Inglaterra, viagem essa orquestrada por Ronny para que a sua mãe não defendesse Aziz no julgamento, e o médico indiano aborrece-se seriamente com Fielding por este ver no ato de Adela algum tipo de coragem.

No final, a esperança de uma amizade entre um britânico e um indiano é já escassa; dois anos após o julgamento, quando Aziz e Fielding se reencontram, a relação entre ambos parece condenada. Os dois recordam o passado, mas os velhos tempos sofrem com as desvantagens, novas e antigas. Nesse intervalo, Fielding tornou-se mais favorável ao Império Britânico. Da mesma forma, o lado afetuoso de Aziz deu lugar a um orgulho ardente em si mesmo e no seu país. “The muddle of India” (Forster

63) ganha uma unidade perante a imagem de invasor que o Império adquire, sobretudo depois do caso que envolvera Aziz e Adela, no qual a imagem dos britânicos é gravemente abalada. Nas palavras de G. K. Das:

Dr Aziz's trouble unites the Hindus and the Moslems in the story. 'Another local consequence of the trial', we are told, 'was a *Hindu-Moslem entente*. Loud protestations of amity were exchanged by prominent citizens, and there went with them a genuine desire for a good understanding'. In the trial *Aziz is defended both by a Moslem pleader and by a Hindu barrister who is 'anti-British'*. . . . *Aziz is acquitted by a Hindu magistrate, and finally leaves British India to take employment in the Hindu state of Mau*. His 'genuine hatred of the English' prompts him to forget the differences between Hindus and Moslems, and he thinks, '*I am an Indian at last*'. The story ends with that note of Hindu-Moslem unity and the common political slogan, 'India shall be a nation! No foreigners of any sort! Hindu and Moslem and Sikh and all shall be one! Hurrah! Hurrah for India!'. (11, *itálicos meus*)

“An Indian at last”, Aziz deixa de ter uma auto-imagem do seu país como uma confusão (“muddle”), para agora se posicionar como parte de um todo que se define por oposição ao *outro* imperial. Cada vez mais consciente da necessidade de os indianos se livrarem do jugo britânico, é Dr. Aziz quem responde à pergunta inicialmente colocada, reagindo colericamente à réplica descrente de Fielding quanto à ideia de a Índia vir a ser uma nação:

'India a nation! What an apotheosis! . . . Fielding mocked again. And Aziz in an awful rage . . . cried: 'Down with the English anyhow . . . We may hate one another, but we hate you most. If I don't make you go, Ahmed will, Karim will, if it's fifty or five hundred years we shall get rid of you, yes, we shall drive every blasted Englishman into the sea, and then' - he rode against him furiously - 'and then,' he concluded, half kissing him, 'you and I shall be friends.' (Forster 306)

O humanismo liberal de Forster, demonstrado a partir de Fielding, leva o inglês a inquirir o motivo da espera. Apesar das boas intenções demonstradas ao longo da obra de parte a parte, são as circunstâncias que não o permitem. Agentes externos, como se de destino se tratasse, mostram não querer que a amizade continue. Se algum dia será retomada, é algo deixado em aberto, mas o pessimismo presente deixa ao leitor uma sensação de ilusão quanto à possibilidade de alguma vez se vir a concretizar tal desejo. O próprio céu, que no início representava a única força agregadora entre a

Chandrapore “real” e a Chandrapore do Império, não mais serve como representante de união:

‘Why can’t we be friends now?’ said the other, holding him affectionately. ‘It’s what I want. It’s what you want.’ But the horses didn’t want it – they swerved apart: the earth didn’t want it, sending up rocks through which riders must pass single file; the temple, the tank, the jail, the palace, the birds, the carrion, the Guest House, that came into view as they emerged from the gap and saw Mau beneath: they didn’t want it, they said in their hundred voices ‘No, not yet,’ and the sky said ‘No, not there.’ (Forster 306)

***A Passage to India*: uma obra colonialista?**

Muitos autores, como Mohammad Ayub Jajja e Benita Parry, têm acusado Forster de transmitir uma mensagem pró-colonialista na sua obra. Parry afirma mesmo que *A Passage to India* é um catalisador ideológico resultante das contingências naturais do escritor enquanto britânico (29-30). Esta visão é também elaborada por Edward Said, nas obras *Culture and Imperialism* e *Orientalism*, em que o autor defende, num tom consideravelmente mais moderado, que a ficção de origem europeia é, consciente ou inconscientemente, conivente com os pilares imperiais sobre os quais é erguida, pois herda e repete as mesmas representações. Said acrescenta que o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), através do contraste de imagens, ideias, personalidades e experiências. Reconhecendo ambos os conceitos como distinções antropológicas, o autor afirma que: “Orientalism is a style of thought based upon an ontological and epistemological distinction made between ‘the Orient’ and (most of the time) ‘the Occident’” (*Orientalism* 2-3).

Efetivamente, e como defendido desde o início, as imagens em jogo na obra de E. M. Forster são construídas com base na alteridade e no distanciamento do *Outro*; as próprias definições de Leerssen partem desse pressuposto, de resto. Contudo, é difícil considerar *A Passage to India* como um produto imperial que pretende perpetuar ideais imperialistas. A fragmentação da contenda Ocidente vs. Oriente verificada através do estudo das auto, hetero e meta-imagens é em si um argumento a favor da intenção de Forster em fazer precisamente o contrário. As auto-imagens são discursivas e falíveis, bem como as hetero-imagens. No caso das meta-imagens, mais clara fica a noção de que as expectativas daquilo que nenhum dos lados reconhece enquanto seu, do *milieu* ontológico, não comportam uma realidade verificável. “The real India” não existe segundo as representações de colonizadores nem de colonizados. A análise binária não se aplica de um modo simples e infalível, pois, dentro da auto-

imagem dos Orientais, existem outras tantas criadas também com base no distanciamento social e religioso, como é exemplo a difícil relação entre muçulmanos e hindus: “India - a hundred Indias - whispered outside beneath the indifferent moon, but for the time India seemed one and their own, and they regained their departed greatness by hearing its departure lamented, they felt young again because reminded that youth must fly” (Forster 13). A pluralidade de auto-imagens deve-se a um sistema hierárquico de castas e à coexistência pouco pacífica de inúmeras religiões:³ tal só é ultrapassado face ao “inimigo comum”, também ele colocado numa condição existencial de unidade pelos colonizados: “He [Aziz] too generalized from his disappointments - it is difficult for members of a subject race to do otherwise” (Forster 11).

Consequentemente, como bem explica Christensen, ver *A Passage to India* como um produto cúmplice do imperialismo sob o qual surgiu é ignorar as várias dimensões que Forster claramente apresenta ao longo da obra:

In Forster's India, . . . the cultural other who always seems to be concealing an essential truth for some unfathomable reason returns to us what we experience as a distorted image of ourselves. The problem of culture within *A Passage to India* is, then, fundamentally one of misrecognition: the recognition of oneself in the field of the Other is always shown to be a misrecognition, in which some essential feature, the very thing that defines the truth of one's being, is withheld or concealed. . . . Forster, the self-proclaimed humanist, foregrounds this problem of cultural misrecognition in a way that can be taken as devastating critique of the limitations of humanism when confronted with the problem of empire. Good intentions, based on the desire to fully accept the cultural other as an equal within the symbolic domain through a sympathetic cross-cultural understanding, is entirely inadequate in British India whenever such an attempt fails to take account of the dimension of misrecognition. (Christensen 162-3)

De resto, a cena final do livro parece não deixar qualquer dúvida de que a apologia não é imperialista. Aziz realça que qualquer amizade entre um oriental e um inglês só será possível quando livres das amarras coloniais. A mesma mensagem já vinha sendo desvendada em páginas anteriores, numa altura em que Fielding pergunta a Aziz se ele o acompanha no caminho: “Aziz sketched a comic salaam; like all Indians, he was skilful in the slighter impertinences. ‘I tremble, I obey,’ the gesture said, and it was not lost upon Fielding” (Forster 286). As últimas palavras que asseveram que a amizade não é possível “naquele momento, ainda não”, colocam sobre os braços fortes do Império o ónus da mudança. É o poder, mais do que as diferenças culturais, aquilo

que impede a amizade e a boa-vontade entre os povos. A crise política é uma crise de representação:

None of the Indian characters in the novel are represented as having access to the truth about India any more than the English characters or the narrator, any desire to replace the unstable, frequently self-undermining narrative view with the true understanding of India is relentlessly thwarted. There is, finally, no omniscient narrative view of Indian reality. (Christensen 161)

Não pode existir uma Índia real pelas limitações da heterogeneidade natural de qualquer grupo, mas, neste contexto, sobretudo porque as auto, hetero e meta-imagens respondem a uma dinâmica de subordinação que não permite a descoberta ontológica do Oriente.

Para um humanista como Forster, não há prova maior da falha do Império do que o facto de este impedir as relações pessoais entre indianos e britânicos, como explica Hawkins: “[Forster] can make his case most strongly by presenting friendly, rather than hostile, Indians. Even with the best of will, friendship is made impossible by the Raj; therefore, the Raj must end” (58).

Considerações finais

Este ensaio pretendeu mostrar como a Imagologia pode ser uma profícua ferramenta na análise sociocultural de uma determinada obra. Partindo dos conceitos esclarecidos por Joep Leerssen de auto, hetero e meta-imagens, tentou-se clarificar a posição de *A Passage to India* no contexto do Império Britânico no Oriente. Devido ao elencado, parece bem mais plausível que Forster tenha tentado caricaturar o Império e mostrar que este acabaria por minar algo tão fundamental como as relações humanas, do que a obra ser um instrumento de conluio com a estrutura imperial. O romance mostra o abismo que a boa-vontade humana não é capaz de ultrapassar numa situação de tamanha desigualdade como é a da colonização: “[W]hile the characters attempt to make human contact through the barriers of ruler/subject, coloniser/colonised, the ghost of the ‘Colonial Other’ is continually present, ultimately proving stronger than personal relationships” (Lehmann 85). Ou, nas palavras do nacionalista hindu Bankim Chatterjee: “so long as the conqueror-conquered relationship will last between English and Indians, and so long as even in our present degraded condition we shall remember our former national glory, there cannot be any hope of lessening the racial hatred” (qtd. in Meyers 335).

Há ainda, em *A Passage to India*, uma mensagem subjacente à necessidade de independência indiana e que torna a obra, a meu ver, intemporal: a carência de harmonia entre os seres humanos apenas pode ser resolvida com empatia, bondade e boa-vontade. Uma vez resolvidos os problemas coloniais, as divisões culturais, sociais e raciais requerem uma hetero-imagem capaz de prever a auto-imagem do outro. Quando Fielding diz a Adela “Try seeing Indians” (Forster 23), o recado torna-se tão mais poderoso se prestarmos atenção à polissemia do verbo “see”. O pedido para ver o *Outro* não alimenta uma visita ou um simples olhar; é uma súplica para uma mundividência mais ampla, para uma observação feita de outra perspectiva.

Obras Citadas

Abu Baker, Ahmad M. S. “Rethinking Identity: The Coloniser in E. M. Forster’s *A Passage to India*.” *Nebula* 3.2-3, 2006, pp. 68-85.

Childs, Peter. “A Passage to India.” *The Cambridge Companion to E. M. Forster*. Edited by David Bradshaw, Cambridge University Press, 2007, pp. 188-208.

Christensen, Timothy. “Bearing the White Man’s Burden: Misrecognition and Cultural Difference in E. M. Forster’s “A Passage to India”.” *NOVEL: A Forum on Fiction* 39.2, 2006, pp. 155-78.

Das, G. K. “A Passage to India: a Socio-historical Study.” *A Passage to India: Essays in Interpretation.*, edited by John Beer, Palgrave Macmillan, 2002, pp. 1-15.

Forster, E. M. *A Passage to India*. Penguin Books, 2005.

Hawkins, Hunt. “Forster’s Critique of Imperialism in “A Passage to India”.” *South Atlantic Review* 48.1, 1983, pp. 54-65.

Jajja, Mohammad Ayub. “A Passage to India: The Colonial Discourse and the Representation of India and Indians as Stereotypes.” *Gomal University Journal of Research* 29.1, 2013, pp. 38-48.

Leerssen, Joep. “Image.” *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters: a Critical Survey*, edited by Manfred Beller & Joep Leerssen, 2007, pp. 342-44, <https://imagologica.eu/ethnotypology>. Accessed 18 Nov. 2020.

---. "Imagology: History and method." *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters: a Critical Survey*, edited by Manfred Beller & Joep Leerssen, 2007, pp. 17-32, <https://imagologica.eu/ethnotypology>. Accessed 18 Nov. 2020.

---. "Imagology: On using ethnicity to make sense of the world." *Iberic@L, Revue d'Études Ibériques et Ibéro-Américaines* 10, 2016, pp. 13-31.

Lehmann, Zoe "The Colonial Other in E.M. Forster's *A Passage to India*." *Quest, Postgraduate Journal of Queen's University Belfast* 5, 2007, pp. 85-96.

Lin, Lidan. "The Irony of Colonial Humanism: "A Passage to India" and the Politics of Posthumanism." *ARIEL: A Review of International English Literature* 28.4, 1997, pp. 133-53.

Meyers, Jeffrey. "The Politics of "A Passage to India"." *Journal of Modern Literature* 1.3, 1971, pp. 329-38.

Parry, Benita (2002). "The Politics of Representation in *A Passage to India*." *A Passage to India: Essays in Interpretation*, edited by John Beer, Palgrave Macmillan, 2002, pp. 27-43.

Said, Edward. *Culture and Imperialism*. Vintage Books, 1993.

---. *Orientalism*. Penguin Books, 2003.

¹ Deixo o meu agradecimento à Prof. Dr.^a Maria Fátima Gil, cujos ensinamentos tornaram este artigo possível e, mais tarde, melhor.

² "But of course all this is exceptional. The exception does not prove the rule. The average woman is like Mrs. Turton, and, Aziz, you know what she is.' Aziz did not know, but said he did. He too generalized from his disappointments—it is difficult for members of a subject race to do otherwise. Granted the exceptions, he agreed that all Englishwomen are haughty and venal. The gleam passed from the conversation, whose wintry surface unrolled and expanded interminably." (Forster 11)

³ "Hamidullah had called in on his way to a worrying committee of notables, nationalist in tendency, where Hindus, Moslems, two Sikhs, two Parsees, a Jain, and a Native Christian tried to like one another more than came natural to them. As long as someone abused the English, all went well, but nothing constructive had been achieved, and if the English were to leave India, the committee would vanish also." (Forster 97)